



---

Comunicação oral: Eixo 1 – A educação básica brasileira e desafios da atualidade

**ESPAÇO ESCOLAR:  
O LUGAR E A PAISAGEM COMO DESAFIOS E PERSPECTIVAS  
CULTURAIS NAS APRENDIZAGENS**

Edson Lopes Domingos – UFSCar/Sorocaba\*  
Neusa de Fatima Mariano – UFSCar/Sorocaba\*\*

---

**Resumo:** O Lugar e a Paisagem são conceitos importantes no conhecimento geográfico, porque implica em questões relacionadas ao espaço vivido agregando a natureza e a sociedade, ao despontar nas relações sociais mediadas pela cultura, os quais são veiculados pelos meios de comunicação em geral. Por isso, a pertinência deste diálogo é fundamental para contribuir com a educação. O objetivo é compreender a diversidade cultural do patrimônio agenciados pelos grupos configurados socialmente, e valorizar a memória individual e coletiva na construção de uma realidade, evitando o desequilíbrio social. Trata-se de um recorte sobre o estudo do lugar e paisagem e suas implicações complexas de entendimento, mas passível de observar a realidade vivida. A metodologia utilizada foi de abordagem qualitativa fundamentada em pesquisas bibliográficas e documentais, aplicadas em uma sala de geografia. Nesta primeira parte da pesquisa foi possível a configuração do diálogo entre Educação, Geografia e Cultura a partir dos conceitos trabalhados.

**Palavras-chave:** Educação. Geografia. Cultura.

### **Introdução**

Tendo em vista as transformações culturais vividas locais e globais a partir do século XIX, a pesquisa em andamento busca compreender as emergências dos grupos configurados pelas redes sociais como meio de comunicação de massa, que lhes inundam e ocupam a atmosfera reflexiva dos nossos adolescentes. Essas produções ganham força com o advento da indústria cultural, as quais têm a capacidade de modelar a identidade e fomentar as novas maneiras de perceber o Mundo. Sendo assim, tais produções estão chegando ao interior da escola, fazendo despontar novas indagações e interrogações.

Nesse contexto, saltam aos olhos novos modos de vida e os novos usos tecnológicos das redes sociais no cotidiano dos estudantes, tomados como agentes nessa situação.

O contexto abre a oportunidade nas aulas de geografia para debater os assuntos referentes à questão do lugar e paisagem como espaço vivido, pretende-se abordar as possibilidades do

---

\* Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de São Carlos/Sorocaba (UFSCar/So), Professor de Geografia da Rede Municipal de Ensino - SP.

\*\* Docente do PPGGeo da Universidade Federal de São Carlos/Sorocaba (UFSCar/So). Professora Doutora em Geografia.



uso destes conceitos para mediar a compreensão dos estudantes frente à aprendizagem, ao potencializar suas memórias e sentimentos requerido pelo olhar do seu entorno, no gesto operatório sobre a realidade e observar a plasticidade das mudanças ocorridas no espaço geográfico de forma imbricada na cultura e nas relações sociais veiculadas pelos sujeitos agentes de suas ações.

Nesse sentido, o professor busca mediar a aprendizagem por meio de seus conceitos fundamentais de lugar e paisagem para que ao tomar consciência do espaço vivido observando seu entorno de maneira a refletir sobre a realidade e a tomada de posição frente ao debate exigido pelas condições e circunstâncias recuperadas pelo processo do ensino-aprendizagem. Seguindo os objetivos como:

- Conhecer a diversidade cultural do patrimônio etnocultural brasileiro, cultivando atitudes de respeito para com as pessoas e grupos que a compõem, reconhecendo a diversidade cultural como um direito dos povos e dos indivíduos e elementos de fortalecimento da democracia;
- Compreender a memória como construção conjunta, elaborada como tarefa de cada um e de todos, que contribui para a percepção do campo de possibilidades, individuais, coletivas e comunitárias;
- Repudiar as injustiças, baseada nas diferenças de raça/etnia, classe social, crença religiosa, sexo e outras características individuais ou sociais.

**Fonte:** BRASIL-Parâmetros Curriculares nacionais: objetivos, (1998)

Por meio destes objetivos buscaremos construir as diversas tomadas de consciências, cujas formas estão pautadas na organização do espaço, pois revelam os micros processos agenciadas pelo lugar e paisagem explícitas em detalhes e mostram maneiras de preencher as lacunas deixadas de maneira escamoteadas por ideologias dominantes, que a contingência nos reporta a compreender a realidade atrelados aos conceitos geográficos aplicados no âmbito da escola. A pesquisa tem o caráter qualitativo, e busca nas experiências dos espaços vividos nos lugares e paisagens relacionados a simbologia e a cultura para compreender a realidade constituída pela sociedade por meio dos detalhes analisados.

### **O Lugar e Paisagem: como parte constitutiva das transformações socioculturais vividos no âmbito da escola**



A relevância deste trabalho para o campo educacional deve ao fato de que atualmente, a sociedade passa por grandes transformações substantivas (políticas) e epistemológicas (conhecimento), isso requer a atenção da educação dentro e fora da escola, cujo excesso de informação deve ser transformada em formação, isso implica questões de temas e valores veiculados nas relações sociais e atravessa a cultura causando algumas invisibilidades, o lugar e a paisagem são também afetados por isso, por isso o debate em sala de aula é pertinente.

Nosso referencial teórico baseia-se nos estudos culturais que se ocupam de diferentes aspectos da cultura, envolvendo, outras áreas do conhecimento como a geografia e a educação, por exemplo. Na contextualização exige-se a tomada referente às contribuições Stuart Hall (1997), nos referimos a centralidade da cultura por atravessar o campo social, cujas ações se tornam pertinentes no âmbito escolar.

Na visão do autor a cultura tornou-se central e constitutiva da reconfiguração de elementos que sempre estiveram presentes na análise sociológica, já que ela passa a não ser simplesmente encarada como elemento de integração para o restante do sistema. Nesse sentido, a cultura ganha plasticidade no lugar e na paisagem atuando como um poder centralizador e regulador agenciado pela centralização substantiva e centralização epistemológica.

Por centralidade substantiva Hall entende “o lugar da cultura na estrutura empírica real e na organização e na organização das atividades institucionais, relações culturais na sociedade” (HALL, 1997, p.17), e por centralidade epistemológica entende a “posição da cultura da cultura em relação às questões de conhecimento e contextualização, em como a cultura é usada para transformar nossa compreensão, explicação e modelos teóricos do mundo” (HALL, 1997, p.18).

Conforme o autor, a cultura está implicada nas relações de poder, agenciados pelo gesto dos mercados por meio de relações de trocas permeadas na regulação, controle aplicadas no espaço, observadas nas ações e práticas, significados e sentidos, símbolos e códigos inseridos no espaço vivido das pessoas.

No entanto, como o mundo adere a estes momentos de transformações de ordem global, percebemos que a vida das pessoas também é afetada, de modo a influenciar o espaço vivido: lugar e paisagem, isso altera nosso modo de pensar e agir no jogo aberto em um campo de lutas e resistências, isso tem possibilitado o surgimento de dinâmicas diversificadas e não simplesmente homogeneizadoras das culturas ou o fim de certas culturas, mas sim fazer

emergir formações alternativas, em uma fronteira em que o velho e o novo aqui se apresentam.

Essas transformações do modo de vida inserem-se no dito de Stuart Hall,

[...] declínio do trabalho do trabalho na indústria e o crescimento dos serviços, o aumento dos períodos de folga, a flexibilidade de emprego, o tamanho das famílias, padrões de diferenças, de gerações, responsabilidade e autoridades dos pais, declínio do casamento, incremento do divórcio, a redução das tradicionais ida à igreja. (HALL,1997, p.21)

Nesse sentido, o lugar e a paisagem tornam-se elementos primordiais a serem revisitados no âmbito escolar, não sendo necessário quebrar muros ou paredes. Mas sim, compreender o lugar e a paisagem como um 'sistema de conceitos' como afirma Milton Santos, quem a define com um "conjunto de fixos e de fluxos" ou de "configuração territorial" e "relações sociais"(SANTOS,1996, p.50-51 apud HAESBAERT,2014, p.32), cuja notoriedade requer uma retomada de análise mais aprofundada devido a contingência de formar um inventário desta fábrica produtiva, ao facilitar o diálogo entre a cultura e a geografia, em um ensaio cartográfico como ofício dos geógrafos.

Isso nos leva a compreender a materialidade contida no lugar e paisagem, nos remete a considerar a mobilização feita por aportes culturais permeado no espaço vivido, ao operar em certa tradição cultural veiculada nas redes sociais, comunicação em massa: televisão, filmes, músicas e festas presentes no cotidiano implicadas nas práticas de uso individual e coletivo deriva ações e reações no modo de fazer e produzir a realidade das pessoas adentrando os lares, e desaguando nas escolas configurando-se um estado de coisas, os quais trazem significações para a nossa existência, ao mobilizar nossos sentimentos e emoções.

Assim, lugar e paisagem refazem o constante encontro dos afazeres cotidianos, das relações sociais, dos diferentes, das novidades, das transformações de maneira conectadas ou separadas perpassando do conteúdo ao continente. O lugar e paisagem imprimem-se com tal plasticidade, que leva o homem a reconhecer sua importância como condições materiais de existência e permanência buscada desde os primórdios da humanidade, tornam-se o ponto axial de abertura para se compreender o processo em transformação de um mundo cada vez mais globalizado.

Nesse momento é oportuno explicar por que colocamos lugar e paisagem de maneira separada pelo aditivo "e", grosso modo eles se aproximam, enquanto lugar refere-se ao material, a paisagem apresenta a forma, a diferença consiste em "a paisagem em geral enfatiza um sentido e uma perspectiva a do olhar (e das representações, aí inseridas),

enquanto no lugar estamos “mergulhados” em todos os sentidos da experiência, do vivido” (HAESBAERT, 2014, p.46).

Conforme SOUZA, 2020, a palavra lugar tem um sentido:

“há, porém, um sentido que se veio afirmando como mais específico, no plano conceitual, da década de 1970 para cá e que é [...] o lugar como espaço percebido e vivido, dotado de significado, e com base no qual desenvolvem-se e extraem-se “os sentidos de lugar” e “as imagens de lugar” (SOUZA, 2020, p.114).

Nesse sentido, o conceito de lugar não tem um status político, mas está no plano perceptível na dimensão cultural-simbólica nas questões sobressalentes implicadas na identidade, intersubjetividades e as trocas simbólicas.

Desta maneira, encontramos o lugar no espaço social aquele que foi socialmente construído fruto das apropriações da natureza e pelos modos de trabalho nomeados por significados compartilhados pela própria cultura configurado pelo gesto das instituições ao legitimar o espaço vivido observado pelas experiências acumuladas pelo conhecimento da Humanidade.

A paisagem nos remete aos primórdios dos estudos da arte de forma a representar a natureza em pinturas, isto é, o uso recursivo da imitação, e nos anos 80 apresenta uma dedicação vista pelo campo da *geografia física* e biólogos ao campo chamado ‘Ecologia da Paisagem’ (SOUZA, 2020), chegando até a ser aplicada ao espaço geográfico naturalizando-a, sob a influência de forte tendência descritiva das paisagens.

Nesse sentido, o diálogo entre a geografia e as artes plásticas trouxe novas contribuições para pensar a paisagem, ao partir das ideias preliminares das artes plásticas a geografia teve uma aproximação interessante, começando pelas explicações sobre os fenômenos naturais produzindo um grande material científico sobre o relevo, a vegetação, clima, os rios e mares etc. Assim, o conhecimento geográfico corrobora para explicar tais ocorrências fenomenais e suas regulações contribuindo para a preservação e atuação do homem no mundo.

Adiante, surge a problematização conceito de paisagem, localizada na maneira de transcrever aquilo observado, porque o nosso olhar abarca uma imagem muito maior do mundo, assim tirar dali algum significado de experiência para que possamos compreender a afinidade dentro de uma representação, o qual aderimos, o que pode separar ou pode unir, através do recurso oferecido pela paisagem, superficialmente parece simples montar o que podemos chamar de paisagem. Sendo assim: essa grande forma retórica, oferece sua estrutura geral à elaboração de uma articulação específica entre imagem e realidade: a perspectiva legítima. (CAUQUELIN, 2007, p.114).

Atualmente, a questão ganha uma dimensão muito maior, a constituição de uma retórica ou narrativa utilizada para persuadir aquele que olha, por interesse até mesmo aleatório, mas no sentido de convencer. O que nos interessa é a experiência vivida frente a paisagem, trazidas pelos estudantes para a escola, por isso a importância em estudá-la. Aqui não trataremos da imagem de forma descritiva, mas sim capturar as formas culturais e simbólicas de maneira a entendê-la melhor, nosso foco é tentar esclarecer a função da paisagem e sua construção frente a realidade debatida nas aulas e na escola.

A educação é um campo complexo e muito discutido desde os gregos antigos até os dias atuais, garantindo um enorme acervo para pesquisas, as quais buscamos referências para entender nosso pensamento sobre a educação suscitado por interrogações e indagações presentes em toda sociedade. Sendo assim:

Peter Drucker (filósofo e economista de origem austríaca) lançava seu livro *A sociedade pós-capitalista* e anunciava o advento da “sociedade do conhecimento”. Com esse termo, referia-se a uma nova forma de organização social que estava se constituindo e na qual, diferente da anterior sociedade capitalista, “o recurso econômico básico – ‘meio de produção’, para usar a expressão dos economistas – já não é o capital, nem os recursos naturais (a ‘terra’ dos economistas) nem o ‘trabalho’. É e será conhecimento (DRUCKER, 2004, p.10, grifos do autor, apud NOGUERA-RAMIREZ, 2011, p.13)

Para pensarmos uma sociedade do conhecimento espera-se, neste caso que a escola ofereça elementos formativos para uma atuação consciente das pessoas inseridas em uma determinada realidade, envolvendo currículo, formas de aquisição, técnicas de trabalho, operando com uma diversidade de conhecimentos exigidos pelo momento do trabalho técnico ao reflexivo, e apresentar de diferentes maneiras o conhecimento acumulado pela humanidade.

Nessa perspectiva cada sociedade adere a um modelo de organização social, aquela com predisposição em atividades no campo e na cidade, dando forma a produção espacial, por exemplo, ao observar as atividades do campo e da cidade, os quais possuem diferentes modos de vida e de organização, isso requer perceber que a cada maneira de atuar depende de sua relação com o lugar, uma cidade litorânea age com os elementos que estão no entorno como a pesca, por exemplo, elemento gerador de toda sociedade, a comunidade “indígena” utiliza mais os recursos naturais permeada na música, cultura, vestimenta, culinária, festas, etc., as moradias do iglu casas de gelo, a oca indígena, e as tendas do deserto.

Isso requer compreender que as condições materiais e imateriais são inerentes a cada forma de organização social e as pessoas aderem a tal modo de vida, de uma maneira ou de outra

as pessoas que ali vivem devem adquirir um conhecimento tanto formal quanto informal aderindo as inovações exigidas nas transformações sociais.

Assim, com as mudanças sociais ocorridas no século XIX, assim desponta sobre a necessidade de uma nova orientação direcionada ao crescimento econômico, desenvolvidos dos indivíduos ao meio.

Nesse sentido, recorreremos a uma tradição anglo-saxônica ao versar sobre a experiência que recolhe alguns vestígios do passado, tornando-se útil ao agenciar as aquisições no sentido em que haja interações. Portanto, a interação implica uma “situação” que envolve o indivíduo e o ambiente, e o trabalho do educador deve prestar particular atenção às situações em que acontece a interação via experiência e aprendizagem.

Sendo assim:

A emergência do conceito de aprendizagem, como foi apresentada aqui, será a condição e a possibilidade para o aparecimento, nos meados do século XX, de noções como as de “educação permanente”, cidades educativas ou de aprendizagens, “aprendizagem permanente ou ao longo da vida” e, com elas o surgimento dessa forma de subjetividade contemporânea, que chamei de *Homo discentis*: um aprendiz permanente. (NOGUERA-RAMIREZ, 2011, p.249).

## **Resultados preliminares coativos e experiencial**

O uso de imagens nas salas de geografia é um recurso muito utilizado, principalmente no formato de cartografia, nos quais os mapas ganham destaques, outros tipos de imagem são incorporados como meras ilustrações, mesmo que os autores agreguem as imagens em seus conteúdos, nem sempre as imagens que chegam ao espaço escolar servem para complementar a discussão, nem para atribuir novas informações, por isso trouxemos este trabalho para contribuir com o debate.

As imagens estão a invadir as nossas casas, os painéis e *outdoors*, acompanhando-nos onde quer que estejamos. Vivemos no mundo das imagens e pouco sabemos sobre elas. Como observá-las e como interpretá-las? Às vezes, elas são tantas e passam tão rapidamente diante de nossos olhos, que mal podemos vê-las e ter a oportunidade de selecioná-las com propriedade (PONTUSCHKA, 279, p.279).

Nesse sentido, as imagens chegam na escola por meio das redes sociais, televisão, propagandas, internet, fotografias, filmes etc., e a geografia com o conceito de lugar e paisagem podem contribuir para cumprir a tarefa pertinente a esta questão, aqui com mais afinco na ideia de paisagem como representação colocada acima, é com esta preocupação, que ao apresentar as atividades feitas no espaço escolar podem abrir reflexões sobre o uso

das imagens nas salas de geografia, não servindo como mero consumo, mas sim para contribuir com a formação cultural do estudante.

Para dar prioridade a nossa discussão trouxemos a contribuição de dois estudiosos sobre a imagem, Hans Belting, e Aby Warburg conhecidos na história da arte e na antropologia por trazer elementos fundamentais para compreender melhor sobre a questão das imagens, os quais trabalhamos com os estudantes.

Conforme Hans Belting (2014), a imagem é um lugar no mundo e um lugar onde se produzem e conhecem (reconhecem) imagens. “Amiúde incluem-se aqui imagens fugidias que não sabemos de onde vêm nem para onde vão, quando as esquecemos e, por um motivo imprevisto, de novo as recordamos”, (BELTING, 2014, p.80). Aqui relacionamos o conceito de lugar e paisagem como tema de estudos, nas quais mobilizam-se nossos repertórios (memória e conhecimentos) para dar sentido às imagens, cuja mobilização se daria com a montagem em folhas de papel pardo, no exemplo, abaixo,

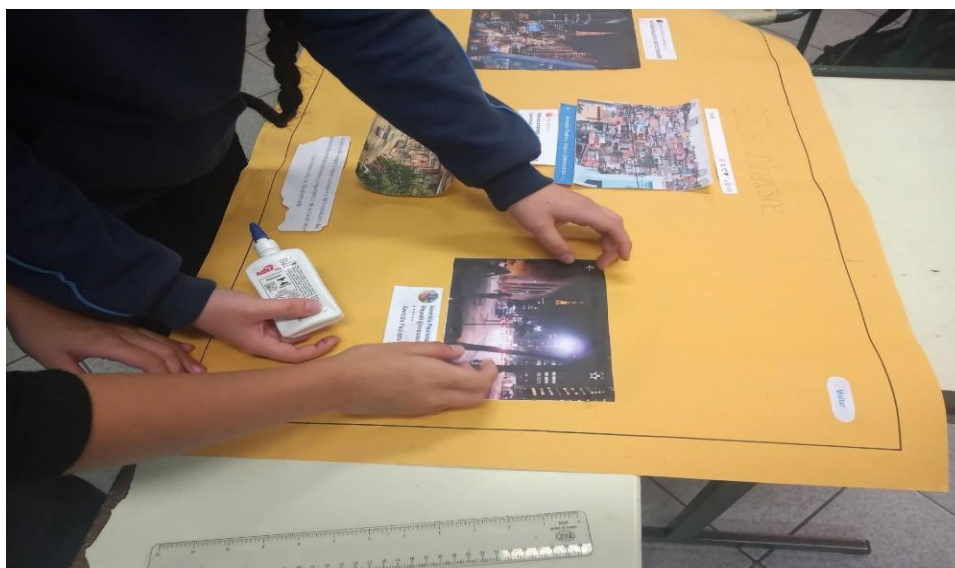


**Foto 1** – Edson Lopes Domingos, 2022

Após o professor apresentar o tema: Lugar e Paisagem, explicando sobre a importância destes conceitos, e sua aplicação para o conhecimento geográfico, os estudantes relataram sobre as transformações observados no bairro, ressaltamos aqui o espaço vivido, ao utilizar a memória percebiam, a invisibilidade de alguns elementos, que logo seriam lembrados pelos outros estudantes contemplando a construção da ideia. Na imagem, a montagem e



construção transcrevendo o que ocorria no momento de entender a imagens, recorte, colagem e montagem.



**Foto 2** – Edson Lopes Domingos, 2022

Na foto 2, em seguida a imagem representa o que os estudantes poderiam fazer com as imagens, observando suas conexões e relações, chamo a atenção para o cuidado sobre a manipulação das imagens de forma a pensar como elas gostariam de ser colocadas, *detalhes das mãos*. “O hiato entre imagem e lugar, entre percepção e lembrança é uma das condições de toda a experiência genuína dos lugares” (BELTING, 2014, p.86), é que se dá algumas condições de conhecimento, no nosso caso o conhecimento geográfico.



**Foto 3** – Edson Lopes Domingos, 2022

Na foto 3, utilizamos a construção de pranchas cunhada por Aby Warburg, que consiste em: criar um espaço capaz de reunir, de fomentar e de prover a construção de “Ciência da Cultura”

(Warburg apud SAMAIN, 2011), aqui utilização este modelo para trabalhar a produção do espaço geográfico, ao utilizar a memória do bairro (Lugar e Paisagem), tal atividade legítima a materialização sobre a utilização da imagem para compreender o uso prático da memória, de maneira a entender que a memória pode ser um recurso da aprendizagem.

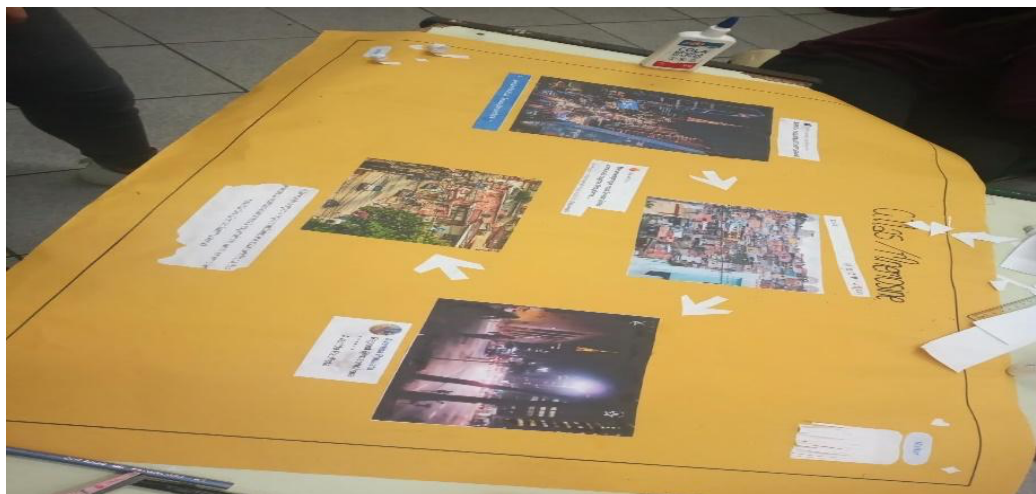


Foto 4 – Edson Lopes Domingos, 2022

Na foto 4, construímos um espaço para as imagens e colocamos setas para facilitar a leitura das disposições da imagem, uma maneira de imitar a memória, aqui abre-se o grande debate para iniciar a compreensão sobre a forja das imagens, o que há por vir, são questões para se pensar. Um adendo planejado e construído, a ideia foi substituída por uma forma mais didática por se tratar de estudantes. Nesse sentido, produzimos duas pranchas, que podiam ser interpretadas pelas setas, de forma a sugerir um itinerário, quase um turismo pela imagem.

### Considerações finais

Nesta primeira parte da pesquisa delineou-se a configuração e o diálogo entre Educação, Geografia e Cultura, apresentando uma relação possível entre os três campos de conhecimento constituição, tendo em vista versar sobre dois importantes conceitos da Geografia: O Lugar e Paisagem analisados no espaço vivido dos estudantes, a importância da aplicação do recurso memorialística nos estudos de adolescentes, trata-se do contexto e a quantidade de imagem veiculada na sociedade, e a emergência em decifrar e entender e fazer uso frente as condições exigidas pelas mudanças e transformações ocorridas na atualidade.

Sobretudo, é importante ressaltar que a educação tem uma função social como uma instituição formativa dentro da realidade. Além de agregar um campo de luta e resistência

como meio de agenciar a formação cultural dentro da perspectiva da participação consciente exigida por uma sociedade democrática, através da experiência podemos capturar aquilo que está em jogo em determinada realidade para que possamos tomar posição coletivas, no gesto do respeito ao outro e a si mesmo, dando voz aqueles que foram invisibilizado, por meio de apropriações de conceitos operados para serem compreendidos e refletido pela sociedade.

Com este estudo e com os que seguem contribuem para o campo da educação, bem como a aproximação de áreas do conhecimento da geografia e da Cultura, cuja imersão neste debate é condição privilegiada. Devido a emergência de novos grupos configurados pela acesso das formas de informações veiculadas na sociedade, assim as informações podem ser transformadas em conhecimento para futuras interpretações e análises conscientes frente à realidade, podemos chamar de formar uma competência cultural, ao lidar com símbolos e formas de organizações na discussão, na participação, nas decisões das demandas da educação local e no desenvolvimento das políticas públicas educacionais, oportunizado pelo encontro.

## Referências

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclo: apresentação dos temas transversais*/Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BELTING, H. *O lugar das imagens. In: \_\_\_\_\_, Antropologia da imagem. Para uma ciência da imagem.* Tradução de Artur Morão. Lisboa, KKYM + EAUM, 2014.
- CAUQUELIN, A. *A invenção da paisagem.* Trad. Marcos Marciolino. São Paulo: Martins Fontes, 2007
- HAESBAERT, Rogério. *Viver no território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção.* 1ª edição. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- HALL, S. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.* Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 22, n.2, p. 5-244, jul./dez.1997.
- NOGUERA-RAMIREZ, C. E. *Pedagogia da governamentalidade ou da modernidade como sociedade educativa.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- PONTUSCHKA, N. N. *Para ensinar e aprender geografia/ Nidia Nacib Pontuschka, Tomoko lida Paganele, Núria Hanglei Cacete.* 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- SAMAIN, E. *As “Mnemosyne(s) de Aby Warburg: Entre antropologia, Imagem e Arte.* Revista Poiésis, Niterói (RJ), n.17, p.29-51. Jul. 2011. Disponível em: <http://www.poesis.uff.br/PDF/Poesis17EDIMnemosyne.pdf> Acesso em: 25 fev. 2023



SOUZA, M. L. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial* – 5ª edição – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

